

CAÍRBAR SCHUTEL, UM ESPÍRITA DE ESCOL



*Berenice Zanini **

Cairbar Schutel

As vidas das grandes personalidades do Espiritismo que nos precederam na Terra e que se dedicaram a exemplificar o que é ser-se espírita, merecem ser conhecidas por todos nós. As suas vidas, fé, e fidelidade à Doutrina Espírita, devem servir-nos não só de exemplo, mas também de estímulo para seguir as suas pegadas.

Com base nestas duas premissas, decidimos trazer hoje aos nossos leitores, como preito de admiração e respeito, o percurso de um homem íntegro e caridoso que dedicou a vida à causa do Espiritismo.

Cairbar de Souza Schutel, nasceu no Rio de Janeiro em 22 de Setembro de 1868, filho de pais católicos e desencarnou em Matão, no estado de São Paulo, em 30 de Janeiro de 1938. Com apenas 9 anos, passou por uma grande prova, ao ficar órfão de pai e mãe no espaço de 6 meses, passando a viver com o avô paterno. Ao fazer o 2º ano do Liceu, decidiu deixar de estudar e devido às discussões com o avô, que não estava de acordo com esta decisão, resolveu sair da casa deste e independizar-se, para o que aceitou um trabalho como prático de farmácia. Empenhou-se tanto em aprender, que aos 17 anos já era considerado um bom prático.

Decide então ir viver para o estado de São Paulo, começando por residir em Piracicaba, onde dirigiu uma farmácia – a Farmácia Neves – indo depois para Araraquara e acabando por se estabelecer definitivamente em Matão, onde montou uma farmácia e viveu durante 42 anos. Quando ali chegou, era apenas uma pequena vila que fazia parte do município de Araraquara e que deste dependia completamente.

Cairbar Schutel quis servir a comunidade e lutou para fazer de Matão um município. Acabou por consegui-lo, tendo sido eleito em 1889 como o seu 1º Presidente da Câmara, e comprando com o seu próprio dinheiro, um edifício para albergar a Câmara Municipal.

Ao mesmo tempo, continuava a trabalhar na sua farmácia, com extrema dedicação. Toda a gente gostava dele, por ter um carácter íntegro, bondoso e humilde.

A certa altura, começou a receber em sonhos a visita constante dos seus falecidos pais. Tentou compreender o seu significado, mas insatisfeito com as explicações dadas por um padre para o fenómeno, Schutel foi ter com o seu amigo Manuel Calixto e pediu-lhe para dizer ao pai que precisava de falar com ele. Calixto Nunes de Oliveira, pai de Manuel Calixto (como era conhecido) era o espírita (e médium) da localidade – uma pessoa olhada por todos com respeito, apesar de naquela época os espíritas serem olhados à distância. Depois de falar com ele e tendo conseguido compreender a realidade do mundo extra-físico, pediu-lhe – sabendo que ele realizava reuniões espíritas no seu domicílio, acompanhado pelo filho Manuel e também por Quintiliano José Alves – para assistir a uma dessas reuniões. No dia combinado, Calixto Nunes de Oliveira recebeu uma mensagem com um elevado cariz espiritual, que o impressionou.

A partir deste dia, passou a assistir às reuniões, integrando-se no conhecimento das obras básicas da Doutrina Espírita. Passado algum tempo, começaram a aparecer no próprio Cairbar algumas manifestações de mediunidade, onde sobressaía a psicografia, por meio da qual o seu próprio pai se manifestou, provando-lhe a sua sobrevivência.

Estava concretizada a sua conversão ao Espiritismo. A partir daí, Schutel dedicou-se completamente ao estudo da Doutrina. Assim que se sentiu familiarizado com os seus ensinamentos, decidiu fundar, em 15 de Julho de 1905, o primeiro núcleo espírita da pequena cidade e da região, dando-lhe o nome de "*Centro Espírita Amantes da Pobreza*" (hoje alterado para "Centro Espírita O Clarim").

Casou-se com D. Maria Elvira da Silva. Desta união não houve filhos. Popularmente conhecida como Mariquinha, foi um exemplo de dedicação e de amor, e faleceu algum tempo depois do casamento, vítima de lepra.

Numa época de grande intolerância religiosa, o Espiritismo sofria a perseguição dos católicos mais radicais. Cairbar Schutel, como tantos outros espíritas dedicados à Doutrina, também teve o seu calvário: um sacerdote, João Batista van Esse, decidiu fechar as portas do Centro Espírita; nesse sentido, começou uma persistente campanha destinada a boicotar a farmácia de Cairbar, deixando-o assim sem rendimentos... Assim, aliciou outros padres estrangeiros para a sua "causa" e todos eles apregoavam que era preciso conter o "herege" e que, para isso, era necessário deixarem de comprar na sua farmácia. Mas, acima de tudo, o padre Esse proibia as pessoas de frequentarem o Centro Espírita. E, para rematar, juntamente com o delegado de polícia, conseguiu uma ordem judicial para o fechar! Contudo, isso não chegou a acontecer, porque como Cairbar não era dos que se intimidavam e, movido pela sua autoridade moral e a coragem, o valente espírita foi até à praça da cidade protestar contra esta enorme falta de respeito, manifestando que a Constituição consagrava o direito à liberdade de expressão e de religião.

Algumas pessoas cultas da cidade, entre as quais, um advogado, dirigiram-se também à praça, manifestando a sua desaprovação pelas atitudes dos sacerdotes e responsabilizando o padre van Esse pelas consequências que podiam resultar daquela falta de respeito pela Carta Magna, afirmando que o orador tinha todo o direito de falar e de defender a sua Doutrina de vida. Ante esta reacção, o padre abrandou a sua perseguição a Cairbar e acabou por ser transferido para Araraquara.

Schutel inspirou sempre simpatia e respeito; e como também se saía muito bem a receitar, em pouco tempo tornou-se o "pai da pobreza" em Matão, porque, além de prescrever o remédio, oferecia-o aos necessitados; em sua casa, acolhia os sem abrigo da cidade; eram muitas as pessoas que a sua generosidade socorria; ajudas de toda a espécie, mas sobretudo, assistência espiritual. Estava sempre pronto para socorrer um doente ou um obsidiado.

A dada altura, a sua casa transformou-se num hospital para doentes mentais e obsidiados. E ante o número crescente de doentes, em 1912, decidiu alugar uma casa maior, onde tinha mais recursos e mais liberdade para tratar todos os que lhe pediam ajuda.

Compreendendo que a Doutrina Espírita era capaz de tornar as pessoas mais felizes, Cairbar Schutel decidiu difundir-la pelos quatro cantos do mundo – apesar de viver numa pequena cidade do interior do Brasil –, o que lhe valeu o cognome de "*Bandeirante do Espiritismo*".

Fruto do seu dinamismo, fundou em Agosto de 1905, o jornal "O Clarim" e em 15 de Fevereiro de 1925, a RIE – Revista Internacional de Espiritismo, que ainda hoje continuam a circular.

Aos domingos, na Rádio Cultura de Araraquara proferia as suas famosas 15 "Conferências Radiofónicas".

Escreveu os seguintes livros:

"O Baptismo", "Cartas a Esmo", "Conferências Radiofónicas", "Histeria e Fenómenos Psíquicos", "O diabo e a Igreja", "Espiritismo e Protestantismo", "O Espírito do Cristianismo", "Os Factos Espíritas e as Forças X...", "Génese da Alma", "Interpretação Sintética do Apocalipse", "Médiuns e Mediunidades", "Espiritismo e Materialismo", "Parábolas e Ensinos de Jesus", "Preces Espíritas", "Vida e Actos dos Apóstolos", "A Questão Religiosa", "Liberdade e Progresso", "Pureza Doutrinária", "A Vida no Outro Mundo" e "Espiritismo para Crianças".

Para publicá-los, Schutel não mediu esforços e, assim, surgiu a Casa Editora O Clarim.

Ele personificou o sentimento de amor ao próximo. Eram habituais as atitudes de desprendimento e de renúncia.

Foi um pioneiro ao tratar de vários assuntos relacionados com a prática da mediunidade e a vida no Outro Mundo, pois fê-lo antes da explosão, na década de 40, da série que foi encabeçada pelo livro "Nosso Lar". (Cairbar desencarnou antes do aparecimento das obras de André Luiz). Por exemplo, no livro "*A Vida no Outro Mundo*", refere-se explicitamente aos diversos planos que compõem o mundo espiritual.

Após uma curta doença, desencarnou em 30 de Janeiro de 1938. Contava 69 anos.

Poucas horas depois do seu falecimento, e cumprindo a promessa que tinha feito de provar a imortalidade da alma, comunicou-se através do médium Urbano de Assis Xavier. Cairbar chamou os seus amigos e deu instruções a cada um deles.

O texto que se segue, foi extraído do livro "*Cairbar Schutel – O Bandeirante do Espiritismo*" (Eduardo Carvalho Monteiro e Wilson Garcia – Edições O Clarim), e refere-se a uma pequena parte da

mensagem:

“A misericórdia Divina é tão grande que me deu o privilégio de vos abraçar neste momento de partida para a Verdadeira Pátria. Eu estou muito contente e a ser recebido com um banquete que não mereço, mas o Pai é tão bondoso que, na minha alegria e êxtase, não podia partir sem vos comunicar isto... mas preciso dizer-lhes o que sinto. Ainda há pouco, vocês conversavam na redacção sobre o túmulo que me vão erguer. Nada disso. O espírito não precisa de túmulos. Quero uma coisa simples, uma lápide apenas, e se vocês quiserem escrever nela alguma coisa, escrevam isto: ‘Vivi, vivo e viverei porque sou imortal’.”

E assim se fez. No cemitério de Matão encontra-se a lápide encomendada desde o Além. A editora e o centro espírita que fundou, são administrados desde a sua desencarnação por voluntários que trabalham por idealismo, com o firme propósito de seguirem os seus passos.

Tanto a casa de Cairbar como o Centro Espírita criado em 1905, são umas referências históricas de Matão.



O Clarim - Hoje



O Clarim - 1924



Algumas comunicações mediúnicas revelaram que no mundo espiritual Cairbar Schutel está encarregado da divulgação do Espiritismo na Terra, continuando no Além o grande trabalho iniciado na sua última encarnação.

Foi um homem de fé, um trabalhador infatigável, dinâmico, e portador das melhores virtudes cristãs, humilde e afectuoso; um exemplo em que os espíritas se deviam rever, para se tornarem verdadeiros cristãos.

“O menino que agora rejeitamos à porta da tempestade, será mais tarde, um semeador da tempestade no mundo.” (Cairbar Schutel, *in Luz no Lar*)

** evangelizadora e oradora do Grupo Espírita Batuíra - Algés*